

Feliz Ano Novo

José Luiz Pereira da Costa

Já quase chegando ao centenário, Hélio guardava como individuadas jóias, coisas desse seu já longo calendário – as recordações dos tempos da Colônia Africana, e do Mato; dos amigos que haviam partido, como Rodapé, o bom pigmeu, grande vidente, um dos primeiros que se foram e singular saudade deixara. A velhice, com o pouco sono que lhe garantia, entregava, abundante, sob a forma de vigília, lembranças que se desenrolavam sem-fim qual num calidoscópio. Fora iniciado, bem jovem, nas práticas da religião de seus antigos, que perceberam, em seus modos adamados e em perceptível sexto sentido, ser um predestinado condutor da mensagem dos deuses de Ifé. Recebera para consultas espirituais um contingente inumerável de sofredores, mas também de jubilados. A velhice, agora, punia-o com recordações gratas ou muito amargas dos inúmeros jovens e, na meia-vida, madurões que lhe fizeram companhia em seu leito de solteiro.

Era, Hélio, sem qualquer dúvida na comunidade, um respeitado ancião, um emérito babalorixá, que daquelas coisas tais as pessoas não ligavam, mesmo em sua plena atividade de outrora, muito menos em sua natural inapetência, hoje. Tinham nele, sim, quando era possível, um esperto conselheiro; afinal, fora acumulando, década após decênio, três transbordantes quartéis de tempo, respostas para todas as perguntas. Não admira, assim, raros os que iam até seu sacrário e dele saíam em desagrado.

Naquele dia, Hélio saíra da cama – acordado estava muito antes dos galos cantarem – pensando em Altair. Morrera havia muito tempo, seu amigo rábula, responsável por um cliente que, impressionado com um trabalho que Hélio não realizara, entregara uma considerável soma em pagamento, o que lhe permitira mudar-se de seu modesto chalé, na Colônia Africana, indo morar um bairro novo da cidade que crescia. Não importava quantos anos se haviam passado, essas lembranças de Altair e do homem que possuía um estaleiro, eram agora singela contração muscular facial de velho, retrato consolidado de um repetido sorriso de mofa. Ali estava a mesma contração, que instigava-lhe o músculo da cara a produzir igual meio sorriso, ao lembrar-se do amigo rábula e da haitiana Eugénie.

A tarde, viriam visitá-lo – não era consulta – dois personagens da galeria infundável dos que passaram, por razão que outra, a se relacionar mutuamente.

Era janeiro, tempo de intenso calor. A tarde, cujas sombras esparramadas denunciavam seu declínio a caminho, conservava ainda o ardor daquele dia canicular, quando Hélio recebeu sob a sombra de uma figueira imensa, um airá, como ele próprio – sem formigas a despencar de sua imensa copa, como soe acontecer nessas velhas árvores – Antônio Almeida, desembargador aposentado, um dos maiores

salários do Estado, diziam, chegando aos setenta anos, e Francisco de Souza, engenheiro mecânico, com modesta aposentadoria pelo sistema de seguridade nacional, fazendo ainda alguns bicos rentáveis, em empresas da área de sua formação. Também chegando aos setenta. Foram meninos na mesma zona. Eram, pois, verdadeiros amigos de infância. Estavam ali para conversar entre si os dois jovens, aos olhos de Hélio, e ter como quieta e atenta testemunha o encarquilhado babalorixá. Era um hábito que se formara havia anos, sem qualquer explicação compreensível. Com freqüência assinalada, lá estavam Francisco e Antônio conversando coisas do dia-a-dia, de suas vidas particulares e, quase como um contraponto de instrumento de jazz, vez que outra, no momento certo, Hélio introduzia sua nota, seca ou com variações, dissonante, às vezes.

Cervejas e copos foram postos na mesa, baixo à copa.

Janeiro deixa para trás os festejos de fim de ano e semeia aspirações de porvir. Os três senhores reunidos à mesa do quintal de Hélio ainda tinham frescas as sensações e sentimentos daquele ano que recém se fora e aspirações para o período que agora se iniciara.

Nesse ambiente, Francisco, o engenheiro, começou falando de sua prole. Eram três, todos casados, e já com filhos. Eles haviam estado, os três, genros, nora e mais um punhado de netos, tanto nos festejos de Natal – unanimidade, não houve uma ausência sequer – quanto na noite de entrada do novo ano, quando as duas filhas faltaram, pois foram festejar a passagem do ano na casa de seus sogros. Mas, assim mesmo, deram uma passadinha à tarde, para os filhos beijarem os avós.

Francisco descreveu em minúcias a festa de Natal, narrando para atentos ouvidos, pequenos detalhes dos momentos de ansiedade dos netos menores, quanto aos presentes; no aguardo do Papai Noel. O desembargador e o babalorixá – aquele sem razão aparente, pois tinha quatro netos; mas este, por um sentimento nunca bem administrado quanto à sua sexualidade: gostaria de ter tido filhos – saboreavam, olhos de gula, as informações que o engenheiro passava, ressaltando detalhes da noite natalina em sua casa.

Noutras tardes de sábado, cerveja à mesa, pedacinhos de torresmo para estimular a sede, a família do engenheiro vinha à baila. Apenas um dos três filhos conseguira se formar em curso superior, mesmo assim não lograra grande sucesso profissional. Dos restantes, um era funcionário público e o outro trabalhava numa das empresas de engenharia com seu pai. Os netos freqüentavam escolas públicas e particulares. Por isto, os carnês de pagamento eram sistematicamente honrados pelo avô, que lhes provia grande parte das necessidades de suas casas.

– E quando eu morrer? – Algumas vezes o engenheiro pôs na mesa a indagação que gerava a reação sentenciadora do magistrado: – Vai ser um problema! – Ou a nota dissonante do babalorixá: – Vão se ajeitar!

A casa do engenheiro era, especialmente nos fins de semana, circo em sessão. Os netos correndo por todos os lados, a porta da geladeira abrindo e fechando a todo o instante; a máquina de lavar engolindo a roupa da semana de uma das filhas; o banheiro, de pouco uso, virando objeto de renhidas disputas. Fraldas largadas em locais improváveis. A avó, desdobrando-se para ser útil, entre filhas que, cada vez mais, numa certa auto-suficiência, pouco a queriam ouvir. O tumulto durava o dia todo de sábado e se reiniciava nas manhãs de domingo. Atravessava o almoço de todos, numa mesa longa onde o engenheiro se postava, desde a formação da família, à cabeceira.

– Que felicidade quando eles chegam! – Diziam os avós; e para arrematar: – E quando se vão, também! – Era como um processo de compressão e de descompressão, chegada e saída das famílias.

Dentro de um respeito mútuo que não permitia que um fosse além da fronteira que naturalmente delimitaram, aqui e ali o desembargador externava algum tipo de preocupação quanto aos recursos que se faziam necessários para manter a família toda sob o guarda-chuva do “patriarca à antiga”, rotulou certa feita, meio sem jeito, o magistrado, pra ouvir uma peroração de engenheiro:

– Cada vez mais, amigos, os avós assumem responsabilidades pelas famílias de seus filhos. Há desemprego, subemprego e exigências cada vez maiores de especialização. Os patriarcas voltaram!

Nesse mesmo dia, ao fim da sua afirmação, lastimou que embora os legisladores brasileiros, em sua maioria avós, portanto, maciçamente desempenhando esse novo papel, em tempos de vidas longevas, não alteraram a legislação do imposto de renda, alargando a natureza do vínculo de dependência.

Enquanto o Francisco falava, entre ouvindo e meditando, o desembargador fazia especulações sobre a soma da pensão do engenheiro, esta conhecida porque no limite do que paga a previdência pública, com os trabalhos que, aposentado, realizava. Homem culto, de muita leitura, o magistrado intimamente conjeturava, entre um gole e outro de cerveja, uma mordiscada e outra de torresminho, sobre os valores que se imiscuíam no universo de seu amigo – tinha a casa própria onde moravam, num bairro da cidade comum; uma modesta casa de madeira num balneário classe média, adquirida ainda quando os filhos eram pequenos, e seu salário na ativa, condigno. Não empilhava fundos em caderneta de poupança ou em outra aplicação financeira. Incréu quanto ao Estado como cumpridor de seus deveres, obrigava-se a manter um plano de seguro saúde particular. Os anos de convívio asseguravam ao magistrado a convicção de que, seu amigo, com um prazer que não era gerado por qualquer tipo de iniciativa racional, encontrava a razão de viver feliz e em paz, na completa doação à sua família.

O engenheiro, encarando o velho amigo, sentia uma pontinha de inveja, imaginando a felicidade do amigo em não ter premências financeiras, tampouco filhos que dele dependiam emocional e financeiramente.

A tarde já se fora, as garrafas de cerveja, vazias, faziam companhia a muitas migalhas de torresmo. Era mais um encontro que se encerrava. O trio insólito, estava por se despedir. Iriam se ver adiante, num outro entardecer de março. Logo a seguir, o engenheiro iria para sua casa na praia, onde Maria, sua mulher, trabalharia pra valer, se revezando entre a cozinha, a rouparia e os cuidados com os netos, enquanto as filhas pegariam um bronzeado à beira-mar; o filho e os genros jogariam peladas com vizinhos e Francisco se encontraria com amigos, na colônia de férias da empresa construtora de estradas; teriam rodadas de cerveja, trigo-velho e torresminho. O desembargador iria para sua casa, noutra balneário.

Quando estavam de pé, Antonio, Francisco e o anfitrião, Hélio disse algo que ficou no ar. Baixou a cabeça o quase centenário homem – que se havia levantado sem o auxílio dos amigos, e que compartilhara sem restrições a cerveja e o torresmo – para pedir licença, e afirmar: “Como diziam os velhos iorubas, os filhos dignificam um lar”.

“E nos dão tanta preocupação!”, pensou, sem nada dizer, o engenheiro.

Uma lágrima solitária, imperceptível, no lusco-fusco daquele dia que morria, escorreu do olho esquerdo do velho juiz. Lembrou-se, naquela fração de instante, que na noite de Natal ele e Glaci, sua mulher, abarrotaram a árvore de natal com presentes que foram recolhidos na terça-feira, dois dias depois, por pais apressados, que pediam desculpas por netos ausentes. Seus filhos, como ele, eram profissionais bem sucedidos – um deles, na casa dos quarenta anos, também desembargador. Presidia a associação de sua classe. Num tempo rememorativo muito maior do que o real, Antônio lembrou-se da imensa conta-poupança em seu Banco; dos telefonemas interesseiros do gerente, sugerindo novos produtos financeiros. De seus filhos que nada pediam – um favor qualquer, um conselho, um palpite – sequer dinheiro. Era um homem bom, o desembargador. Qual seu amigo, também daria tudo para seus filhos. Mas qual!, seu imenso salário, tirante modestas compras no supermercado, remédios na farmácia e também um plano de saúde particular, ia todo para os bancos.

Recordou-se, ainda de pé, desajeitadamente se despedindo dos amigos, que na entrada do novo ano, exatamente às 24 horas, vindo de um celular digitado no Times Square, tocou o telefone em sua casa. Faltava uma hora para a meia-noite americana. Os filhos e netos, juntos, estavam em Nova York e, no frio de 12 graus negativos, mandaram contidos beijos e votos de Feliz Ano Novo.

A lágrima de Francisco, à recordação, deixou de ser solitária.

Fechando a noite, percebendo o contraste de emoções entre os dois velhos amigos, emblematicamente Hélio disse:

– Ah! Só o endereço é diferente!

Janeiro 2005.